# AS ABELHAS

FRANCISCO LEITE

Entre a folhagem de uma pitangueira,
Que existe em meu pomar,
Há uma grande colmeia hospitaleira.

À tarde, vou deitar-me em baixo dela,
Numa rêde oscilante, e fico a olhar
A faina das abelhas e a cautela
Com que levam ali a trabalhar.

Desde que nasce o dia, ei-las em bando,
Partindo como flechas luminosas,
Os jardins e os pomares demandando,
Cada qual obediente aos seus labôres.

E não se cansam nunca de ir e vir,
A revoar, a zumbir,
Previdentes, constantes, animosas,
Trazendo lá de longe o mel das flôres.

Às vêzes, tenho anseios de partir
Também, com elas, por ali, voando . . .

Contemplar a colmeia sussurrante,
Sob aquêle cruzar de asas doiradas,
É para mim um prazeiroso instante.

Eu sinto um bem-estar no coração,
Vendo as que vêm, de nétar carregadas,
E as que em procura dos netários vão...

Vendo-as, e ouvindo-as, meu pesar se amaina,
Pois me esqueço dos homens e do mundo,
Da ingratidão, da inveja, do despeito,
Do egoismo negro e do rancor profundo,
Do mal, enfim, que ao mal nos aconselha.

E tendo em paz o coração no peito,
Ao ver a comunhão daquela faina,
Naquêle entendimento fraternal,
Só tenho pena de não ser abelha!

Como seria bom se o mundo fôsse
Todo harmonia por um mesmo ideal,
Sem explosões de anátemas e apôdos,
Sem ninguém se imiscuir na vida alheia,
Todos agindo para o bem de todos,
Tal como ocorre aqui nesta colmeia!

Mas parece que o mundo nada em fel,
Tangido por um gênio malfazejo,
Belicoso, angustiado e em desatino,
Enquanto que as abelhas, que aqui vejo,
Trazem de cada flôr um beijo doce,
Cantam nas horas do trabalho um hino,
Fazem da vida um delicioso mel.